

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

KELLEN GARCIA VIEGAS

O CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Um Olhar Sobre as Ações dos Adultos com as Crianças

São Leopoldo

2018

KELLEN GARCIA VIEGAS

**O CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Um Olhar Sobre as Ações dos Adultos com as Crianças**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marita Martins Redin

São Leopoldo

2018

Dedico este trabalho a Flávia Viegas, que partiu deixando
saudades... Eterno amor!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que permitiu que tudo desse certo e que estive sempre ao meu lado em todos os momentos difíceis, pela força concedida e por me manter sempre no caminho certo.

Agradeço aos meus amores: a minha família! Por toda a paciência e por compreenderem a minha ausência em certos momentos. Agradeço por me auxiliarem na busca como profissional e estarem sempre dispostos a me ajudar. Obrigada por todas as vezes que me mantiveram firme nesta caminhada, nunca deixando que eu desistisse. Por todos os conselhos e por todas as oportunidades. Sou muito grata a todos vocês

Agradeço ao meu namorado, por entender a minha ausência e por estar ao meu lado em todos os momentos, me auxiliando para a construção deste projeto e me transmitindo confiança que daria certo. Por aguentar meu nervosismo, choros, risos, inquietações e dúvidas, por aguentar minha mistura de sentimentos e por acreditar em mim, que sou capaz, juntamente com minha família.

Agradeço aos meus amigos que estiveram ao meu lado, compreendendo a minha ausência e por toda a paciência ao longo desta caminhada.

Agradeço em especial a minha amiga Júlia, que tive o privilégio de conhecer no início do curso e por estarmos juntas até o final desta trajetória, ajudando uma a outra nos momentos de aprendizagens, dificuldades e de felicidades.

Agradeço a todas as crianças nas quais já tive o privilégio de trabalhar, que são a minha inspiração nesta conquista como profissional na área de educação.

Agradeço a minha orientadora Dr^a Marita Martins Redin que aceitou me auxiliar neste trabalho, dedicando seu tempo para me apoiar, ouvir e ajudar, com seu saber e competência, compartilhando seus conhecimentos e experiências. Agradeço por sua compreensão e paciência por todos os momentos de aprendizagem que me proporcionaste.

E por fim, agradeço a todos os professores da graduação que me auxiliaram na construção da aprendizagem e dos conhecimentos. E, também, um agradecimento especial aos avaliadores deste trabalho, que dedicaram seu tempo para a leitura.

Muito Obrigada!

“O professor que sabe integrar afeto, inteligência e imaginação, no convívio com os pequenos, estabelece vínculos afetivos e dá-lhes a certeza de que neste mundo se pode confiar nos adultos”. (CARVALHO; KLISYS; AUGUSTO, 2006, p. 59).

RESUMO

As crianças possuem necessidades individuais e possuem anseios e estes, muitas vezes, são negligenciados pelos adultos. No presente trabalho estão apresentados os resultados de uma pesquisa sobre as atitudes dos adultos com as crianças, em relação ao cuidado e respeito em uma Escola de Educação Infantil, envolvendo crianças pequenas entre zero e três anos de idade. Buscou-se compreender como os profissionais de Educação Infantil agem com as crianças, investigando suas ações, evidenciando ou não atitudes de respeito e de cuidado. Utilizou-se, como material teórico, Boff (1999), Edwards, Gandini e Forman (2016), Gonzalez-Mena e Eyer (2014), Korczack (1984), Raraport (2005), Saltini (1997), e entre outros para aprofundar ainda mais o estudo. A base da pesquisa constituiu-se de reflexões teóricas para a fundamentação dos dados coletados em forma de questionários e observações que foram realizados com quatro professoras e com as crianças de uma Escola Municipal de Educação Infantil. Os questionários foram analisados a partir de quatro categorias, sendo elas: *“Perfil e motivações dos sujeitos”*, *“Respeito”*, *“Ações e práticas de cuidado e respeito”* e *“Apego”*. Ao analisar os excertos dos questionários com auxílio de suporte teórico, percebeu-se que muito do que as professoras relatam não é realizado na prática. Com esta pesquisa, constatou-se a importância de refletir acerca das atitudes e ações dos adultos, sendo que, estas atitudes devem ser pensadas para com as crianças, oferecendo momentos de escuta e respeito com elas.

Palavras-chave: Adultos. Crianças. Ações de Cuidado. Respeito.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Horas/Minutos das observações	27
Quadro 2 - Questões da pesquisa.....	28
Quadro 3 - Critério de agrupamento das crianças.....	29
Quadro 4 - Professoras participantes da pesquisa.....	31
Quadro 5- Por que você escolheu trabalhar com crianças pequenas?	33
Quadro 6 - O que e onde você aprendeu sobre o cuidado com crianças?	35
Quadro 7 – O que é para você respeitar uma criança?.....	38
Quadro 8 - O que é para você ser respeitado por uma criança?.....	40
Quadro 9- Quais os comportamentos das crianças que mais te irritam? O que faz diante dessas situações? Por quê?.....	42
Quadro 10 - O que você acha sobre dar colo e fazer carinho nas crianças?.....	47
Quadro 11 - Como você foi tratado quando criança? Quais suas lembranças/memórias?	49

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEIS	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CUIDAR: CONDIÇÃO PARA EDUCAR	16
2.1 O que é Cuidar?.....	17
2.2 O que é Respeitar?.....	20
3 AÇÕES DE CUIDADO E EDUCAÇÃO NA CRECHE.....	23
4 METODOLOGIA	26
4.1 Contextualizando o Local da Pesquisa	29
4.2 Sujeitos da Pesquisa.....	31
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
5.1 Perfil e Motivações dos Sujeitos.....	33
5.2 Respeito	38
5.3 Ações e Práticas de Cuidado e Respeito	42
5.4 Apego	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXO A – TERMO DE CONFIDELIDADE	60
APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO	61

1 INTRODUÇÃO

Durante toda a minha trajetória acadêmica, ficava pensando e indagando sobre qual tema escolheria para poder fazer meu trabalho de conclusão de curso, ou seja, um tema que tivesse relação com todos os conceitos estudados e práticas realizadas. O assunto escolhido para esse trabalho de conclusão surgiu da minha inquietação em relação às atitudes/ações dos adultos com as crianças, a forma como as tratam, respeitam (ou não), tratam-nas com carinho/afeto, ou não. Constatei também que, o tradicional castigo, ainda é utilizado, entre tantas práticas com crianças. Isso me levou a querer entender melhor no que consiste o processo de cuidar/respeitar as crianças, principalmente as menores, de 0 a 3 anos.

Em fevereiro de 2016 comecei a trabalhar na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Anjo da Guarda, localizada no Município de Harmonia, lugar onde pude rever aspectos que me chamavam atenção, entre eles a maneira de tratar e cuidar das crianças pequenas; muitas das dúvidas em relação ao cuidar 'martelavam' minha cabeça, visto que, o que havia aprendido em algumas disciplinas do curso de Pedagogia, como Infância e Educação Infantil I e II, Estágio I em Educação Infantil em relação ao cuidar, agir, falar e se expressar com as crianças, na maioria das vezes não era exatamente como imaginava. Muitas vezes, por questões de rotina, horário da cozinha e até mesmo saída dos professores, tudo precisava ser feito com muita rapidez, deixando o respeito, o cuidado e até mesmo o conversar com as crianças sobre o que iria acontecer, como troca de fraldas, assoar o nariz, etc. como se não fossem tarefas importantes.

Ou seja, o que aprendemos durante todo o curso não está sendo colocado em prática em muitas escolas, e eu, por não ser a professora da turma, e sim, a atendente¹, não me sentia autorizada a questionar este distanciamento entre a criança e o professor. Pois, "[...] sim, as crianças merecem o nosso respeito, a nossa confiança, a nossa amizade." (KORCZAK, 1984, p. 40). Então é necessário respeitá-las, passando mais segurança e confiança, pois o cuidado e o respeito devem ser essenciais para um bom acolhimento e conforto para as crianças, e também para os adultos.

¹ Nomenclatura utilizada no concurso para se dirigir a um educador infantil. "Cabe ao Atendente de Educação Infantil executar atividades de orientação nos diferentes momentos da rotina diária, atividades de recreação infantil e apoio ao professor." (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16).

No ano em que entrei na EMEI, 2016, comecei a atuar numa turma com crianças de 2 anos, mas logo me deslocaram para trabalhar no berçário². Me encantei pela educação infantil logo de início. Poder ser acolhida com um sorriso no rosto das crianças seja pelo carinho, colo e atenção recebido, e a satisfação dos pais com meu/nosso trabalho é maravilhoso. Acredito que o maior problema que tive no berçário foi em relação à rotina, pois tudo precisava ser feito muito rápido, principalmente as refeições e a troca de fraldas. Percebi que essa pressa para realizar ações de higiene, interferia na ação das professoras e atendentes que apenas realizavam tarefas como assoar o nariz, trocar as roupas, lavar o rosto, trocar as fraldas, etc, sem conversar com a criança sobre o que estavam fazendo, muitas vezes de maneira brusca, passando assim um desconforto para elas. No ano de 2017, comecei a trabalhar na turma de maternal (2 a 3 anos) e pude perceber muito presente em minha turma, além do distanciamento do professor com as crianças, o castigo; acredito e defendo que muitas das situações precisam de conversas, entendimentos do que aconteceu e não apenas *jogar a criança no castigo*. Outra prática recorrente era o uso da televisão que fica muito tempo ligada; trabalhei alguns dias no turno inverso e a televisão ficou ligada a tarde toda, sem nenhuma necessidade. Perguntei para as professoras se elas sempre deixavam a televisão ligada e elas me responderam que sim, pois segundo a percepção delas, as crianças ficam mais calmas. Carinho/afeto/colo são necessidades essenciais para as crianças e muitas vezes percebo a falta de um aconchego, de uma aproximação, de uma conversa, que são trocados por castigo ou ofensas verbais e/ou físicas. O respeito com a criança, mesmo que não compreendam totalmente a razão dos seus atos, nesta idade, nos indicam que, precisamos conversar com elas, objetivar sobre o que iremos fazer, para que entendam a ação. As crianças precisam ser tratadas como humanas, como pessoas. Pude perceber que muitas práticas não são feitas com prazer e carinho por parte das educadoras, apenas são feitas por que são extremamente necessárias e rotineiras, e os adultos procuram o modo mais 'cômodo' para realizá-las.

É preciso revisar o modo de agir com as crianças, elas merecem nosso respeito e devemos tratá-las da mesma forma que gostaríamos de ser tratados, ou seja, tratá-las com prazer e carinho. Segundo Korczak (1984, p. 22),

² No berçário, as crianças possuem faixa etária de 4 meses e no decorrer do ano vão completando de 1 a 2 anos de idade.

Quem ousará tratar assim um adulto? As circunstâncias deveriam ser excepcionais para que ele se veja insultado, empurrado, maltratado. Enquanto parece-nos natural e inocente dar um tapa na criança, agarrar a sua mão para nos seguir docilmente, apertá-la brutalmente em nossos braços.

É preciso primeiramente pensar como nós nos sentiríamos se realizassem conosco atitudes desrespeitosas, pensar nas ações enquanto professores e em possíveis mudanças; é importante cultivar um olhar sensível, voltado as intervenções que realizamos com as crianças.

Fiz uma análise nos Trabalhos de Conclusão de Cursos de Pedagogia (TCC's) na biblioteca da Unisinos para poder compreender como o tema cuidado vem sendo tratado/abordado ao longo dos anos. Pesquisei do ano de 2005 até o ano de 2017. Pude perceber nos referenciais teóricos que, na grande maioria, o cuidado não foi abordado como assistencialista, mas, como parte da aprendizagem e desenvolvimento das crianças, embora muitas práticas revelam o contrário. As escolas de educação infantil, muitas vezes, não priorizam o cuidado como uma forma de aprendizagem, mas sim, como momentos de alimentação e higiene.

Os trabalho encontrados foram:

AUTOR	TÍTULO	ANO
Anacir Finatto	Cuidar na educação infantil: um estudo na produção discente no curso de pedagogia da Unisinos	2017
Adriana Aparecida Teixeira	A Exigência de formação aos profissionais da Educação Infantil.	2009
Andreia Dias Teodoro Feyh	Planejamento pedagógico do berçário: As marcas deixadas no caminho	2014
Angela Maria de Oliveira	Entre a higiene e os afetos: "Xixi e Cocô Educativos"	2015
Débora Postai	Reflexões sobre o planejamento e a vida cotidiana no berçário	2015
Luciane Haefliger	Comer na educação infantil: qual a pedagogia necessária?	2015

Marcelly Dal - Ri	Intervenções no espaço da Educação Infantil: Um olhar sobre o papel do adulto	2016
Mariléia Inês Volkweis	O uso da chupeta na escola	2015
Sandra Mara Klein	O choro das crianças na escola	2016

Em seu TCC, Oliveira (2015, p. 47) diz que, uma troca de fraldas, por exemplo, é uma hora de muita interação do adulto com a criança, visto assim, a grande importância da atenção do adulto neste momento, como uma troca de experiências, de cuidados e de respeito. Diz também que, “[...] antes de tudo, precisamos entender o que significa respeitá-lo.” (OLIVEIRA, 2015, p. 47); saber o que é respeitar uma criança e como agir em momentos de troca de cuidados e interações. Em muitas escolas de Educação Infantil, não é o que vemos; as crianças são trocadas sem nenhum contato com o adulto, sem nenhuma conversa, muitas vezes por causa do tempo que precisam para fazer determinada coisa ou até mesmo por não quererem.

Já Teixeira (2009, p. 18), diz que,

Cuidados básicos referentes à alimentação, higiene e saúde precisam de atenção especial. Mas não são só esses tipos de cuidados que merecem ser pensados pelos educadores. O próprio incentivo a interação, ao brincar e a construção de cultura também são formas de educação e cuidado que devem estar presentes na infância. Por isso, educação e cuidado exigem estudo, conhecimento e planejamento.

Através da citação é possível analisar que um bom planejamento e estudo por parte do professor é de grande importância para a formação da criança, auxiliando assim em sua aprendizagem e conhecimento. Essa reflexão demonstra que cuidar e respeitar também estão ligados à concepção que temos de criança, não como um ser que não sabe nada, mas como alguém que merece ser ouvida e respeitada nas suas descobertas e conhecimentos. A alimentação e a escovação de dentes, por exemplo, são atividades de cuidado que envolvem uma aprendizagem e a autonomia das crianças. No decorrer do ano, com o incentivo por parte do adulto, elas começam a se adaptar, aprendem a comer sozinhas e ir ao banheiro sem o professor, desenvolvendo sua autonomia, aprendendo a fazer suas próprias necessidades. A autora também afirma que o cuidado aparece apenas com um

enfoque assistencialista nas escolas onde realizou suas pesquisas e não somente por parte dos professores, mas de toda a comunidade escolar.

Deste modo, muitas são minhas inquietações em relação às ações dos adultos com as crianças, do cuidado e do respeito com elas. Assim, surgiu à possibilidade de tratar deste tema em meu trabalho de conclusão de curso. Pretendo responder essas questões para entender e compreender ainda mais o porquê destas formas de atitudes e até mesmo refletir sobre isso.

Desta forma, o trabalho está organizado em seis capítulos, sendo eles:

Neste primeiro capítulo, apresento minhas inquietações a respeito do tema abordado, de onde parti para investigar e o que me levou a querer construir e pesquisar sobre as ações dos adultos com as crianças.

No segundo capítulo intitulado como *Cuidar: condição para educar*, apresento parte do embasamento teórico. Primeiramente trago um breve estudo sobre os espaços de educação infantil, na qual, as creches eram vistas apenas como assistencialista, visando apenas o cuidado. Em seguida, abordo as concepções de cuidado, que está relacionado com nosso modo em agir e tratar os sujeitos, sendo que, não envolve apenas ações ligadas à higiene e a alimentação, diz respeito a todo o desenvolvimento da criança. E, por fim, abordo concepções de respeito, na importância de fazer as coisas pensando nas crianças, respeitando suas necessidades e desejos, bem como, garantindo uma educação de qualidade.

No terceiro capítulo intitulado como *Ações de cuidado e educação na creche*, apresento outra parte do embasamento teórico, com foco nas ações de cuidado e educação, na importância de criar espaços considerados para as crianças e pensado nelas, ambientes instigantes e acolhedores. Na necessidade de dar atenção e de escutar o que elas têm a dizer, proporcionando momentos de conversas significativos e instigantes para a descoberta e aprendizagem.

No quarto capítulo apresento a metodologia utilizada, a contextualização do local em que a pesquisa foi realizada e a descrição dos sujeitos envolvidos.

O quinto capítulo destina-se a análise dos resultados encontrados da pesquisa, descrevendo detalhadamente o questionário realizado e com suporte teórico para sustentação do mesmo. Apresento também, as observações realizadas em um diário de campo para poder compreender como os professores agem com as crianças no dia a dia e investigar suas ações, relatando atitudes ou não de respeito

e cuidado com elas. Desta forma, apresento uma análise de todos os dados coletados.

Para finalizar, apresento o sexto capítulo que se destina as considerações finais da pesquisa, destacando as principais questões que foram discutidas, refletindo sobre como as ações dos adultos interferem na vida das crianças, em suas relações de cuidado e de respeito, buscando responder minhas indagações que me motivaram para a realização desta pesquisa.

2 CUIDAR: CONDIÇÃO PARA EDUCAR

Durante um grande espaço de tempo a educação e os cuidados com as crianças tratavam-se de responsabilidade das mulheres (mães); ainda no século XVIII, a sociedade considerava e defendia que as mães deveriam ficar em casa, fazendo o trabalho doméstico do dia a dia e cuidando dos filhos, enquanto os pais saíam para trabalhar e garantir o sustento para a família. Com o passar do tempo e com as mudanças sociais, as mulheres começaram a trabalhar fora de casa para sustentar a família. Essa saída da mulher para o mercado de trabalho aconteceu por uma mudança da sociedade que, de maneira lenta, começou a utilizar a mão de obra feminina. Essa condição de trabalho fora de casa somente sobrecarregou a mulher em sua jornada. Na maioria das vezes, elas ocupavam funções com atividades consideradas menos importantes do que a dos homens, mal remuneradas, elas ainda tiveram que manter suas responsabilidades em relação ao cuidado com os filhos e com a casa. Houve assim, a necessidade de criar um lugar ou alguém que pudesse cuidar dos filhos enquanto as mães trabalhavam.

Perante este acontecimento, surgem as primeiras creches com o objetivo de cuidar das crianças, ou seja, um lugar seguro para que as mães não precisassem se preocupar. No começo³, as creches eram vistas apenas como assistencialistas, visando somente o cuidado, associado ao propósito de alimentar, higienizar, cuidar e limpar as crianças. Com o passar dos anos, mais especificamente no século XIX, este olhar foi mudando; as creches passaram por modificações e essas instituições passaram então a ser vistas como um lugar de cuidado e de aprendizagem, assumindo um papel importante no processo de desenvolvimento.

A partir da Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases - LDB), ocorre uma mudança acerca da concepção das creches que, da condição de assistência social, passam a fazer parte do processo educativo para todos os níveis de ensino. Já no artigo 3º, inciso XIII da LDB, é assegurada a garantia de educação e aprendizagem

³ De acordo com Zilma Ramos de Oliveira, em seu livro Educação Infantil: fundamentos e métodos, no início do século até a década de 50, as creches possuíam um caráter assistencial com a intenção de proteger as crianças, como locais de “guarda das crianças”. (OLIVEIRA, 2002, p. 92). “A preocupação era alimentar, cuidar da higiene e da segurança física, sendo pouco valorizado um trabalho orientado à educação e ao desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças” (OLIVEIRA, 2002, p. 100 e 101). Até meados do século XIX, praticamente não existia o atendimento em creches no Brasil. As poucas creches existentes fora das indústrias tinham responsabilidade por entidades laicas e religiosas.

ao longo da vida para todos. Assim, as crianças passam a ter o direito de frequentar a creche e a pré-escola; direito assegurado legalmente, enaltecendo que educar e cuidar são ações indissociáveis na escola de Educação Infantil. Sendo assim, também as creches, passam a ser vistas como uma função educativa, deixando de ser assistencialistas para se transformarem em um lugar de educação. (BRASIL, 1996). Porém, nem sempre existe o entendimento dessa relação entre cuidar e educar. Essa dicotomia criada pela legislação tinha como objetivo reforçar a ideia de que a creche não era somente um local para guardar crianças, mantê-las higienizadas e alimentadas. O contraponto é que foi dada ênfase à educação, onde ações básicas necessárias para o bem-estar e a saúde das crianças podem ter sido afastadas. Mas afinal, qual o entendimento de educação? E de cuidado?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) definem que Educação Infantil é:

A primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010, p.12).

De acordo com as DCNEI (BRASIL, 2010), é preciso ver as crianças como seres de direitos em suas práticas e que constroem suas próprias identidades. Pensar a criança em toda a sua integralidade, sem desvincular o cuidar e o educar, pois estes são dois aspectos de um mesmo processo, fazem parte de momentos indissociáveis do cotidiano das crianças e devem andar juntos. Segundo Coelho e Fraga (2006), as práticas educativas mostram as crianças como pessoas de múltiplos valores, em constante interação com o mundo e o cuidado e a educação devem ser efetivados na ação do dia a dia delas. Apenas quando o cuidar e o educar passam a ser vistos e entendidos como algo ligado um ao outro, as instituições passam a pensar, ver e buscar novas alternativas para trabalhar com as crianças.

2.1 O que é Cuidar?

Popularmente há muitos significados e definições para o termo cuidar, dentre eles: ajudar os outros, promover o bem-estar, estar atento, ser responsável,

proteger, tomar conta, abraçar, se preocupar, zelar, ter sentimento, é um ato/atitude, conversar, escutar, dar atenção, se envolver com algo ou alguém. Cuidar tem relação com tudo na vida e exige muito dos seres humanos; está relacionado ao envolvimento, com a preocupação que deve-se ter, com o olhar para o próximo, principalmente quando este próximo for uma criança. No dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (CUIDAR ..., 2018), cuidar se refere ao modo que tratamos ou agimos com as pessoas, o modo de garantir o conforto o seu bem-estar e sua segurança, e também, se refere ao cuidado consigo mesmo.

Conforme Boff (1999, p. 33), “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo, de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro”. Assim, cuidar é muito mais que um simples ato e se relaciona com tudo o que está a nossa volta. Deve-se ter mais cuidado com as crianças em todos os momentos de sua vida, seja nas tarefas do cotidiano como a troca de fraldas, higiene, alimentação ou nos momentos afetivos, que precisam para se sentir mais confiantes e seguras no ambiente em que estão. É necessário ter sensibilidade e flexibilidade no modo de agir para que estes momentos sejam significativos para as crianças e que contribuam para o desenvolvimento e aprendizagem delas. Ao falar-se em criança, precisa-se compreender que ela é um ser humano que merece todo o cuidado, respeito e atenção; é um ser pequeno que necessita do adulto. Porém, muitas vezes, sofre desconsideração e, até mesmo, maus-tratos.

Do ponto de vista da educação, da pedagogia, muitos foram os estudiosos que tentaram apresentar a criança como um sujeito de direito e de aprendizagem, portanto também, dimensões do cuidado. Pode-se citar, a partir da obra *Pedagogia da Infância* de Júlia Oliveira-Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto, Mônica Appezato Pinazza, (2007) autores como, por exemplo: Rosseau, Montessori, Dewey, Freinet, Piaget, Vigotzki Froebel, entre outros, que, já anunciavam um novo jeito de ver a criança. “Na pedagogia froebiana, a educação infantil não visa à aquisição de conhecimento, mas a promoção do desenvolvimento.” (OLIVEIRA-FORMOSINHO; KISHIMOTO; PINAZZA. 2007, p. 46). Froebel (2007) compreende a criança como um ser ativo e criativo. Para ele, a criança adquire experiência por meio da auto atividade, tem capacidade de aprender e através das ações expressa

suas intenções com o mundo. No início do século anterior, esses pensadores posicionaram a criança no centro da discussão, exaltando sua capacidade de aprender pela experiência e de desenvolver-se em todos os sentidos na relação de descoberta do mundo. Portanto, para essas pedagogias as crianças começam a sair do anonimato e da fragilidade, passando para um lugar de visibilidade e de competência. São crianças capazes desde muito cedo, e merecem respeito.

No final do século passado, um pensador que tem sido referência para muitas propostas pedagógicas coloca a criança numa nova perspectiva. Para Malaguzzi, (apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016) a criança é um sujeito potente e capaz, portadora de múltiplas linguagens. Para ele, a criança é feita de cem,

[...] cem pensamentos cem maneiras de pensar de brincar e de falar. Cem e sempre cem modos de escutar de se maravilhar, de amar cem alegrias para cantar e compreender cem mundos para descobrir cem mundos para inventar cem mundos para sonhar. A criança tem/ cem linguagens [...]. (MALAGUZZI apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016, p. 21).

As crianças são criativas, espontâneas, curiosas e inventivas. Possuem muita vontade de aprender e experimentar coisas novas. E, como afirma Malaguzzi (2016) experimentam diversas formas de se expressarem e necessitam explorar suas cem linguagens. São sujeitos que possuem direitos e precisam ser respeitados como tal; possuem possibilidades de ir além do que já sabem, em suas diferentes linguagens e ações. As DCNEI definem criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

A criança é um ser inovador, explorador, inventivo, curioso, ativo e que possui muito poder imaginativo. É um sujeito cheio de experiências, capaz de se construir e de nos construir. Sendo assim, “A função principal do adulto na educação de bebês e crianças não é treinar nem ensinar, mas sim facilitar o aprendizado”. (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 31). Logo, criar condições para aprendizagem do cotidiano, do cuidado de si, dos outros e da vida é uma forma de respeito humano.

É preciso fazer com que a criança tenha o direito de viver a infância e construir seu conhecimento ao invés de tratá-la como um sujeito que nada sabe ou

como um mini adulto que precisa ser escolarizado. Na educação infantil é fundamental garantir às crianças um espaço para elas e pensado nelas, que garanta suas ações espontâneas e seus princípios de liberdade e autonomia, auxiliando assim, no seu desenvolvimento. Mas não se pode esquecer que as crianças possuem *Cem linguagens* (MALAGUZZI, 2016) e que a intencionalidade pedagógica tem a possibilidade de dar visibilidade ao seu potencial em todos os sentidos.

Segundo Oliveira (2015, p. 47),

Como a criança pequena ainda não é portadora da fala, os adultos muitas vezes as desconsideram como sujeito de desejos e necessidades. Colocam-lhes as mãos frias na pele, sem avisar, abrem lhes as pernas de maneira rude, expõem suas dificuldades diante dos outros.

Entende-se, portanto que cuidar é muito mais do que realizar ações de higiene e alimentação; o cuidado, como o respeito, faz parte do desenvolvimento da criança. Assim como os adultos, como pessoa, ela também precisa ser cuidada, acolhida e ter espaço para exercer suas descobertas. Ao interagir com uma criança, é necessário refletir nas atitudes e falas, que muitas vezes são naturalizadas e errôneas, mas que podem carregar preconceito e descaso.

2.2 O que é Respeitar?

No dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (RESPEITAR..., 2018), respeitar refere-se ao cumprimento de regras, ter consideração, dar o respeito a alguém e dar-se a si mesmo. É fazer-se respeito, ter o devido respeito a alguém, por si mesmo e por todos. Sendo assim, é fundamental perceber que uma criança é um ser humano e que merece ser respeitada nas suas necessidades e nos seus desejos.

Frequentemente é falado que as crianças devem respeitar os adultos, mas e os adultos, quais suas funções? Eles não devem respeitar também as crianças? No livro *Mais respeito, eu sou criança* de Pedro Bandeira, o tema principal é mostrar aos adultos o modo que as tratam, parecendo assim, que nunca tiveram infância. O livro traz poesias para recordar aos adultos, o modo que agiam quando criança, apresentando ao final de uma das poesias um questionamento:

Quando julgarem o que eu faço,

olhem seus próprios narizes:
lá no seu tempo de infância,
será que não foram felizes?

Mas se tudo o que fizeram
já fugiu de sua lembrança,
fiquem sabendo o que eu quero:
Mais respeito eu sou criança! (BANDEIRA, 2002).

O poema demonstra o modo como os adultos tratam as crianças, como se não tivessem sido felizes quando pequenos. Muitas vezes pensa-se que há respeito com as crianças, porém, espera-se que façam e sejam com os adultos, e não se respeita o modo que elas querem agir e ser. Sendo que, “Respeitar as crianças é mais do que reconhecer suas potencialidades no abstrato, é também buscar e valorizar suas realizações – por menores que pareçam diante dos padrões normais dos adultos.” (HAWKINS apud EDWARDS, GANDINI e FORMAN 2016, p. 93).

Na escola de educação infantil, a criança deve ser a protagonista principal, portanto suas necessidades e interesses precisam ser respeitados. Mas para que isso aconteça é necessário outro protagonista: o professor. Este deve – ou deveria – garantir a educação integral das crianças, respeitando-as em todos os momentos, ou seja, no cotidiano da escola. O respeito pelas crianças, prioritariamente deve estar assegurado com políticas públicas que garantam seus direitos, entre eles uma educação de qualidade.

As escolas em si precisam respeitar as crianças e, para isso, segundo Campos e Rosemberg (2009), é preciso de uma creche que respeite a criança como um todo, que priorize tudo a seu favor. As autoras citam uma série de ações que devem ser garantidas para que as crianças sejam respeitadas em seus direitos, ações essas que fazem uma grande diferença para o protagonismo infantil. Algumas práticas por parte da escola e do professor devem ser: os brinquedos ao alcance das crianças, organizados, higienizados e disponíveis a todo o momento; Os espaços devem ser aconchegantes, limpos, seguros, criativos e pensados para as crianças, um lugar que transmita tranquilidade; a atenção, pois elas possuem necessidades individuais e necessitam ser observadas para melhor conhecimento; um diálogo flexível, para saber o que a criança necessita e buscar alternativas para tentar resolver seus problemas; deixar que elas tenham momentos de privacidade. É necessário, portanto, que a creche respeite a criança garantindo seu bem-estar, desenvolvimento e aprendizado, respeitando as peculiaridades de cada uma.

Segundo Hawkins apud Edwards, Gandini e Forman (2016, p. 93)

A dádiva mais maravilhosa não é o amor, mas o respeito pelos outros como fins em si mesmos, como artesões reais e potenciais de seus próprios feitos e aprendizagens, de suas próprias vidas; assim contribuindo, portanto, para suas aprendizagens e realizações.

Entende-se, portanto, que respeitar é um modo de tratar alguém, entender suas necessidades, suas reações para ajudá-la a se sentir segura e tranquila. É ter consciência que todos são diferentes, e ainda assim, todos precisam de respeito e carinho. O tratamento respeitoso deve estar presente em todos os momentos, principalmente nas interações. O respeito deve ser recíproco. É saber que a opinião do outro, mesmo que contrária, tem o mesmo valor que a sua.

3 AÇÕES DE CUIDADO E EDUCAÇÃO NA CRECHE

Refletir sobre o cuidar e o educar nos espaços coletivos e nas relações do adulto com a criança são tarefas muito importantes para se pensar na Educação Infantil. Afinal, como vimos anteriormente, uma criança merece respeito, pois essa é uma dimensão de humanização. As crianças permanecem por um longo período dentro da escola – podendo chegar a 10 a 12 horas⁴ – portanto elas precisam se sentir bem neste local. É necessário salientar que elas são consideradas crianças afetivas e, dessa forma, possuem necessidades. Ao fazer a escolha de trabalhar com Educação Infantil é essencial ter sensibilidade aos desejos e necessidades de cada criança, saber que uma é diferente da outra e, portanto, é necessário respeitar cada uma na sua exclusividade, construindo vínculos e oferecendo conforto e segurança, como base do cuidado e do respeito.

Um aspecto importante que demonstra cuidado e educação é o trato do ambiente. O espaço da escola precisa ser planejado para as crianças, contemplando seus desejos e necessidades. Assim, é preciso inovar e transformar para o bem-estar das crianças. A organização do ambiente deve possibilitar experiências ricas e variadas que instiguem a curiosidade das crianças, sendo um local que está aberto às novas descobertas e aprendizagens. Construir com as crianças coisas novas, experimentos significativos e voltados ao desejo de cada indivíduo, valorizando suas ações e ideias. Isso faz toda a diferença. Um ambiente instigante e acolhedor, faz delas seres investigativos e pensantes.

Segundo Agostinho (apud MARTINS FILHO, 2015), por acolherem crianças pequenas, as creches precisam ser priorizadas, pensadas e organizadas a fim de atender as mesmas, “[...] para que tenham identidade da infância.” (AGOSTINHO apud MARTINS FILHO, 2015, p. 81). É necessário um olhar sensível e compreendedor voltado às crianças. Elas necessitam de um ambiente seguro e acolhedor, que contemple todas as faixas etárias. De acordo com o mesmo autor, as creches precisam ser um lugar de brincadeira, de liberdade, para se movimentar, para se encontrar, para viver coletivamente, para ficar só no seu canto e para sonhar. Com certa frequência as creches não são pensadas para as crianças; pode-se perceber que, em alguns lugares, são casas comuns, ou instituições voltadas

⁴ As crianças ficam na creche em tempo integral, na qual, tem funcionamento de até 12 horas diárias.

para a mera escolarização, nem sempre planejadas para melhor desenvolvimento e bem-estar das mesmas. Os espaços são feitos aleatoriamente, sem um estudo correto, e não como deveriam ser. “Todas as creches deveriam ter um padrão adequado de funcionamento e não se constituírem em meros “depósitos de crianças””. (RAPOPORT, 2005, p. 80). Muitas vezes percebe-se a falta de lugares destinados às crianças. Afinal, as estruturas são planejadas sem as crianças terem oportunidades de se expressarem.

Para que se possa desenvolver um trabalho comprometido e de qualidade, além de ter um adulto feliz e satisfeito com o que faz, é necessário que se desenvolva outras competências profissionais. Para cuidar e educar uma criança é necessário ser um profissional qualificado.

É preciso fazer da escola um lugar para a criança e pensado a criança.

[...] um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de se encantar (...) um lugar de compartilhar (...) um tempo de nada e um tempo de tudo (...) um pequeno grande mundo, onde dimensões múltiplas se mesclam. (REDIN, 2002, p.136-137 apud REDIN, E.; REDIN, M., MULLER, 2007, p. 17).

Ao trabalhar com a educação infantil é de extrema importância ir além do mundo que já existe, proporcionando a invenção, a descoberta e a criatividade em um ambiente acolhedor e seguro para as crianças, respeitando suas necessidades individuais.

No cotidiano é preciso ajudar as crianças em suas tarefas, estar atento em todos os momentos, criar vínculos e acompanhar suas descobertas e ações. Propiciar um ambiente acolhedor, que instigue a curiosidade e as experiências. As crianças precisam ter alguém para confiar, uma referência de acolhimento, sentindo-se confortáveis em suas práticas cotidianas.

Gonzalez-Mena e Eyer (2014) destacam que o adulto, denominado como cuidador, não pode fazer as tarefas com pressa, sabendo que “[...] cuidar de crianças menores de três anos envolve mais do que apenas agir por instinto ou movido por aquilo que parece funcionar”. (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 5). Ou seja, o adulto cuidador necessita de conhecimentos específicos para realizar esses cuidados. As relações das crianças com o adulto envolvem todos os tipos de interações; pensando assim, ele precisa estar atento e envolvido com o que faz. É preciso que a interação entre adultos e crianças seja qualificada. Para saber cuidar,

é preciso estar comprometido com as crianças, é preciso ter o devido respeito, confiar em suas capacidades.

É compreender que o cuidado faz parte da educação, “[...] cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades”. (RCNEI, 1998, v. 1, p. 25). Um fator que faz muita diferença na vida das crianças é o de se importar com o agir e o pensar delas, sobre o que já sabem; compreendê-las e aumentar seu repertório de conhecimentos, descobertas e experiências. É saber conversar, mas também escutar.

4 METODOLOGIA

As atitudes dos adultos com as crianças sempre foram fatores instigantes para mim. A forma com que tratam, desrespeitam, agem e, em alguns casos, a falta de carinho e contato, sempre me incomodaram. Ao saber da necessidade da realização do presente trabalho, tornou-se ainda maior a curiosidade em saber como as ações de cuidado e de respeito vêm sendo tratadas pelos professores e como estes desenvolvem suas práticas. Com este interesse, buscou-se compreender como professores de crianças pequenas agem no dia a dia. Sendo assim, esta pesquisa possui como objetivo investigar as ações dos adultos com as crianças, evidenciando ou não atitudes de respeito e cuidado no cotidiano da escola de Educação Infantil.

Com o intuito de conhecer os professores (lembranças e o motivo por trabalharem em creches) e compreender como o cuidado e o respeito com as crianças são compreendidos por eles, optou-se por elaborar um questionário.

O uso do questionário pode ser compreendido de acordo com Gil, (1999, p. 128),

Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

Primeiramente, foi realizado um questionário⁵ com oito perguntas para catorze professoras que atuam com crianças de quatro meses a três anos, da rede pública, e que lecionam na escola de Educação Infantil do município de Harmonia, RS. O teor das questões se referiu principalmente as temáticas do cuidado e do respeito.

Os questionários foram entregues pessoalmente para as professoras. Apenas sete professores me retornaram, seja através de e-mail ou pessoalmente. Quando foram analisadas as perguntas e respostas, notou-se que foi gerada uma quantidade expressiva de dados, então optou-se trabalhar com um número menor de sujeitos e informações. O critério de escolha se deu pelo fato de possuir mais afinidade com as escolhidas e possuir mais material para embasar em meu trabalho.

⁵ Roteiro em anexo.

A pesquisa possui caráter qualitativo, focando principalmente nos quatro professores e em suas concepções evidenciadas nos questionários e nas suas práticas, a partir de análises. Foram realizadas observações para verificar se as respostas nos questionários condizem com o exercício com as crianças.

As observações feitas foram realizadas durante o segundo semestre de período 2017 e primeiro semestre de 2018, na Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, local onde realizei toda a pesquisa. Foram registradas através de diários de campo, nas turmas das professoras em que realizei o questionário, sendo elas: Berçário (professora 1), Mini-Maternal (professora 4) e Maternal (professoras 2 e 3).⁶

Abaixo, quadro com as observações realizadas:

Quadro 1- Horas/Minutos das observações

PROFESSORAS	OBSERVAÇÕES
Professora 01	10 horas
Professora 02	10 horas
Professora 03	10 horas
Professora 04	10 horas

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Jablon, Dombro e Dichtelmiller (2009, p.41),

Uma observação é como uma fotografia – ela capta um momento no tempo. Como observador você é como o fotógrafo, concentrando-se em certas coisas, ignorando outras. Como o fotógrafo, você traz suas próprias ideias, preferências e percepções para o ato de observar.

⁶ Por possuir mais afinidade e ter trabalhado durante o ano de 2017 com a professora 03, consegui obter mais dados para realizar o trabalho. Já a professora 01, estou trabalhando este ano, 2018, na qual pude obter mais dados também, e com as professoras 02 e 04, não tinha tantos dados, somente, as observações realizadas, conforme o quadro 1.

Portanto, durante as observações, registrei as atitudes das professoras com as crianças, atitudes estas que demonstravam o respeito – ou não – e o cuidado – ou não - com as crianças. Assim, de acordo com Gandini e Edwards (2002, p.151), quem observa pretende “[...] construir um entendimento que possa ser compartilhado acerca das maneiras como as crianças interagem com o ambiente, como elas se relacionam com os adultos e com outras crianças e como constroem o próprio conhecimento”.

As perguntas realizadas por meio de questionários às professoras foram as seguintes:

Quadro 2 - Questões da pesquisa

Por que você escolheu trabalhar com crianças pequenas?
O que e onde você aprendeu sobre o cuidado com crianças?
O que é para você respeitar uma criança?
O que é para você ser respeitado por uma criança?
Quais os comportamentos das crianças que mais te irritam? O que faz diante dessas situações? Por quê?
O que você acha sobre dar colo e fazer carinho nas crianças?
Como você foi tratado quando criança? Quais suas lembranças/memórias?

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados coletados nos questionários serviram de suporte para a análise da temática sobre o cuidado e o respeito, tendo como problema de pesquisa as ações dos adultos com as crianças, e se o que respondem nos questionários é o que realmente acontece na prática. O objetivo maior foi o de compreender algumas atitudes dos professores que não respeitam as crianças em todas as suas necessidades.

4.1 Contextualizando o Local da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2017 em uma Escola Municipal de Educação Infantil, no município de Harmonia. Organiza-se em regime anual de 12 horas diárias, com funcionamento de fevereiro a dezembro, que atualmente atende cento e setenta crianças de quatro meses a cinco anos e onze meses de idade, distribuídas em dez turmas, sendo: Berçário A e B, Mini Maternal A e B, Maternal A e B, Mini Jardim A e B, Jardim A e B e Pré A e B, conforme segue:

Quadro 3 - Critério de agrupamento das crianças

TURMAS	FAIXA ETÁRIA	Nº DE ALUNOS POR PROFESSOR/ ATENDENTE PARECER 22/1998	Nº DE ALUNOS POR PROFESSOR/ ATENDENTE ESCOLA
Berçário	4 meses à 1 ano	5	5
Mini Maternal	1 ano completo até 31/03 a 2 anos	5	5
Maternal	2 anos completos até 31/03 a 3 anos	5	5
Mini Jardim	3 anos completos até 31/03 a 4 anos	15	15
Jardim	4 anos completos até 31/03 a 5 anos	20	20
Pré	5 anos completos até 31/03	20	20

Fonte: Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda (2016).

Há um professor de quatro horas em cada turma desde o Berçário até o Pré.

A Escola iniciou suas atividades em 08 de março de 1990, porém, devido ao aumento na demanda por vaga, foi construído um novo prédio e inaugurado no dia 14 de abril de 1991. A EMEI,

[...] dispõe de uma área total de 862,17m² de área construída, distribuída em: 12 salas de aula, 4 banheiros de berçário com trocador, 3 banheiros femininos, 3 banheiros masculinos, 2 banheiros social, 1 solário, 1 sala de professores, secretaria, sala de direção, 2 cozinhas, 1 biblioteca, 1 depósito, 1 despensa, 1 refeitório, 1 lavanderia e uma área coberta e fechada para recreação. Conta ainda com 2 parquinho com diversos brinquedos, tais como: balanços, gangorras, escorregadores, carrossel, play ground, labirinto, prancha vai e vem, casinha de boneca, etc. Por vezes, os alunos ainda aproveitam o campo de futebol, situado ao lado da escola, para recreação e práticas de educação física. (PPP, 2016, p. 15 e 16).

Trabalham na escola, atualmente, 52 profissionais, sendo eles: Uma diretora que “[...] organiza, controla e supervisiona todas as atividades desenvolvidas no âmbito da unidade escolar”. (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16); Uma secretária, que cabe a ela, “[...] as atividades referentes ao controle da documentação dos alunos e documentação em geral”. (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16); 12 professores que devem alcançar os “[...] objetivos educacionais, atendendo a instituição no que se refere ao Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar e Planos de Estudo com participação ativa na vida comunitária da escola”. (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16); 33 atendentes de educação infantil que executam as “[...] atividades de orientação nos diferentes momentos da rotina diária, atividades de recreação infantil e apoio ao professor”. (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16); e cinco de serviços gerais que executam “[...] trabalhos rotineiros de limpeza em geral; ajudar na remoção ou arrumação de móveis e utensílios, auxiliar nas atividades de cozinha, elaboração de refeições e merenda escolar”. (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (Escola Municipal de Educação Infantil Anjo da Guarda, 2016, p. 16), os docentes são

Todos graduados e o grau de instrução dos demais funcionários está dividido entre o ensino médio e o ensino superior, na sua maioria cursando Pedagogia. Alguns possuem somente o ensino médio com curso de recreação de 120 horas ou magistério.

4.2 Sujeitos da Pesquisa

Foi formulado um quadro com informações relativas aos profissionais, dentre elas: formação, tempo de atuação e a faixa etária das crianças com que trabalham. Cada professora foi representada por um número, sendo: Professora 01, 02, 03 e 04, para manter o respeito e o sigilo com os nomes das profissionais que responderam o questionário.

Quadro 4 - Professoras participantes da pesquisa

PROFESSORA	FORMAÇÃO	TEMPO ATUAÇÃO	FAIXA ETÁRIA	CARGO OCUPADO
Professora 01	Magistério e Pedagogia	5 anos	4 meses a 1 ano (quando foi realizado o questionário) 5 a 6 anos (no momento)	Atendente
Professora 02	Pedagogia incompleta	3 anos	1 a 2 anos	Atendente
Professora 03	Magistério, Pedagogia e Pós-Graduação Incompleta	5 anos e 6 meses	1 a 2 anos	Professora
Professora 04	Curso de Recreação Infantil ⁷	3 anos	1 a 2 anos	Atendente

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o quadro 03, as professoras 01 e 03 já são formadas em pedagogia, a professora 02 está no término de sua graduação e apenas a professora 04 não possui graduação, possui somente um curso em recreação.

⁷ Neste município em que foi realizada a pesquisa, para o cargo de Atendente de Educação Infantil, é preciso ter ensino médio completo com magistério ou com curso de recreação de 120 horas para a efetivação do concurso público. Este curso é escolhido pela própria pessoa, sendo apenas obrigatório a carga horária estipulada e ser na área da educação.

Todas foram nomeadas como professoras, porém, somente a professora 03 é professora da EMEI, sendo que, o restante é atendente.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para identificar as concepções dos adultos em relação aos cuidados e ao respeito pelas crianças, foram realizados questionários com um grupo de quatro professoras. A análise dos dados coletados na pesquisa foi organizada por categorias. Com este procedimento, as categorias foram definidas a partir das perguntas, algumas agrupadas, possibilitando uma reflexão e até mesmo problematização sobre o que os professores dizem sobre suas práticas, motivações, o cuidado e o respeito com as crianças. Nesse contexto, foram pesquisados autores que contribuem com a reflexão sobre alguns aspectos que não foram contemplados anteriormente.

Os questionários entregues as professoras possuíam sete perguntas e foram divididos em quatro categorias, sendo elas:

- a) perfil e motivações dos sujeitos;
- b) respeito;
- c) ações e práticas de cuidado e respeito; e
- d) apego.

5.1 Perfil e Motivações dos Sujeitos

Esta categoria foi estruturada a partir das perguntas *Por que você escolheu trabalhar com crianças pequenas?* e *O que e onde você aprendeu sobre o cuidado com crianças?*.

Abaixo segue quadro com as respostas das professoras para as perguntas:

Quadro 5- Por que você escolheu trabalhar com crianças pequenas?

Professora 1: Acredito que a pessoa que opta por trabalhar com crianças pequenas precisa ter consciência do quanto é importante	Professora 2: Pois esse é um trabalho onde você pode rir, ensinar e também aprender. A minha escolha por este trabalho ocorreu depois que	Professora 3: Inicialmente foi uma opção dos meus pais que eu cursasse o Magistério, para que ao concluir ingressasse no	Professora 4: Gosto muito de crianças e penso que elas tem muito a nos ensinar. Sem falar que apesar de todo o cuidado sempre
--	--	---	--

<p>se doar a elas. Então, primeiramente vejo que minha escolha em trabalhar com as mesmas foi pelo fato de querer com que elas possam estar em pleno desenvolvimento. Desta forma, hoje vejo que estou não apenas trabalhando com crianças, mas sim, estou fazendo o que realmente gosto e que me faz bem.</p>	<p>passei por vários empregos e eles não me empolgavam, não me faziam feliz. E como meu primeiro emprego foi como estagiária do CIEE em uma EMEI, onde tive muitos desafios e também muitas alegrias, percebi que esse é o trabalho que me deixa feliz e realizada.</p>	<p>mercado de trabalho. Com o tempo e as horas praticas, acabei gostando e hoje em dia adoro o trabalho.</p>	<p>podemos nos divertir com elas.</p>
--	---	--	---------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

As professoras 01, 02 e 04 dão respostas semelhantes. Que são felizes e gostam do que fazem, podem rir, ensinar, aprender e se divertir; apontam a escola como um lugar em que ficam realizadas. É preciso gostar, trabalhar com amor e não por obrigação, tornando assim, um trabalho significativo para todos. É preciso estar junto com a criança e saber se distanciar quando necessário para poder observá-la em suas ações, desenvolvimento, aprendizagem, curiosidades, descobertas e experiências. Confiar no poder delas e na sua imaginação, deixá-las serem protagonistas e se manifestarem, através da fantasia, dos movimentos e das descobertas. Já a professora 03, diz que “[...] foi uma opção dos meus pais que eu cursasse o magistério [...]”, porém acabou gostando do trabalho e do que faz. Acredito que é de grande importância fazer por gostar e não por intuição, realizar, como diz Saltini (1997, p. 28), “[...] um trabalho de amor, dando ao próprio homem

aquilo que lhe pertence, ou seja, a sua capacidade de inventar, criar, fazendo coisas novas, criticando o que já existe, buscando novos caminhos”. Ter coragem e estar disposto a mudar e inovar. Refletir e analisar sobre a postura e prática educativa realizada, questionar as próprias ações, fundamentando-se na realidade e vivências das crianças. Como podemos perceber a entrevistada 03, que começou na área por interesse dos pais, diz que despertou certa paixão e é o que gosta de fazer atualmente.

De acordo com as observações realizadas durante a pesquisa, pude perceber que a professora 1 trabalha para e com as crianças, se dedica o tempo todo com elas e como ela mesmo diz, se doa a cada uma. Já com a professora 3, pude perceber um certo distanciamento, ela gosta do que faz, como diz e demonstra, porém não se dedica ou se doa somente às crianças; outras situações que surgem no decorrer do expediente parecem ser mais importantes, como por exemplo, conversas paralelas que acabam atrapalhando a rotina e o cuidado com as crianças. A entrevistada 4 – durante as observações – demonstrou bastante carinho e paciência, interagindo com as crianças e como ela diz se *“divertindo com elas”*.

Quadro 6 - O que e onde você aprendeu sobre o cuidado com crianças?

<p>Professora 1: O que aprendi de início sobre o cuidado com crianças foi à parte física da criança, ou seja, cuidar da alimentação, higiene, cuidados em geral que cada criança necessita. Este cuidado já vem de casa, quando cuidava de afilhados e sobrinhos. Após</p>	<p>Professora 2: Aprendi que cada criança tem o seu tempo, suas necessidades e também seus desejos. Que nem todas as crianças vão gostar de você, assim como nós adultos também não gostamos de todos. Que elas vão sempre testar nossos limites e</p>	<p>Professora 3: O cuidar com crianças é uma questão bem delicada, aprendi no Magistério e também na faculdade, que devemos ser firmes e amorosos, assim cuidando e dando limites na maneira possível às crianças e a turma em geral.</p>	<p>Professora 4: Teoricamente aprendi muito no curso de recreação infantil que fiz. Mas cuidei dos meus dois irmãos, e como a família é grande sempre havia crianças para cuidar e brincar. Era muito bom.</p>
--	--	---	--

<p>ingressar no ramo da educação infantil que aprendi que não podemos cuidar só do físico, mas da criança como num todo, inclusive em seu desenvolvimento emocional.</p>	<p>também nossa paciência, e que nem sempre devemos ceder aos seus desejos. A maioria das crianças vai chorar ou fazer birra quando não fazemos o que elas querem e que as crianças que mais chamamos atenção são as que mais gostam de nós. Tentar sempre conversar com elas e repreender sempre que necessário, pois é para o bem delas. Aprendi essas coisas com o tempo de convívio com as próprias crianças, com as colegas de trabalho e também com as aulas da pedagogia.</p>		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A professora 01 diz que aprendeu sobre o cuidado em casa e quando começou na faculdade, aprendeu que o cuidado é primeiramente físico (alimentação

e higiene) e após ingressar na área da educação, aprendeu que deve-se cuidar também do desenvolvimento, da criança como um todo. A professora 02 diz que aprendeu com o tempo, com as crianças e na faculdade e que cada criança tem seu tempo e necessidades. A professora 03 diz que aprendeu no magistério e na faculdade, que devemos ser firmes e amorosos, dando limites. E professora 04 diz que aprendeu no curso de recreação e cuidando dos próprios irmãos.

Conforme Boff (1999, p. 33), “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo, de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro”. Sendo assim, o cuidado deve estar sempre presente, e não somente no sentido do cuidado físico, mas como todo o desenvolvimento da criança. É necessário estabelecer uma ligação entre a criança e o professor, ter um olhar sensível e atento, perceber as peculiaridades e diferenças de cada uma, visto que, uma é diferente da outra e todas merecem cuidados essenciais.

Se cada criança é diferente da outra, não pode-se ter o mesmo tratamento e querer que tenham comportamentos iguais, ou que atribuam os mesmos significados às suas ações. Elas possuem suas peculiaridades e precisam ser ouvidas com atenção. Rapoport (2005) diz que o professor e a escola precisam pensar que ela necessita de “[...] uma atenção diferenciada para cada faixa etária que facilite o desenvolvimento emocional, social e educacional do bebê e da criança pequena”. (RAPOPORT, 2005, p. 80). É necessário ter uma atenção especial com as ações quando se interage com as crianças. Esse é um jeito de cuidar e educar, transmitindo conforto, segurança, tranquilidade e afeto.

A criança depende do professor para realizar determinadas tarefas, bem como para receber os cuidados essenciais. O profissional precisa estar sempre atento para que possa dar o melhor tratamento a elas e em nenhum momento se distanciar, interagindo, ajudando em suas necessidades, identificando e acreditando que são capazes.

Durante as observações pude perceber que a professora 1 parece não se preocupar apenas com o cuidado físico, mas com o todo, auxiliando no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, desde os momentos de troca de fraldas, onde percebe-se um diálogo entre elas.

Um fato que exige atenção é que três, das quatro profissionais consultadas, citam como aprendizagem a experiência que adquiriram, tanto na família, como no próprio trabalho. Isso mostra a importância de uma formação continuada que permita relacionar a prática com a teoria.

5.2 Respeito

Esta categoria foi estruturada a partir das perguntas *O que é para você respeitar uma criança?* e *O que é para você ser respeitado por uma criança?*.

Abaixo, seguem as respostas das professoras:

Quadro 7 – O que é para você respeitar uma criança?

Professora 1: Para mim, respeitar uma criança é entender que cada uma delas tem seu tempo para aprender e também desenvolver suas habilidades.	Professora 2: Respeitar uma criança é reconhecer que ela é diferente de todas as outras, que tem seus defeitos e suas qualidades, sendo necessário sempre tratá-las com carinho e educação.	Professora 3: Respeitar é saber que todos somos diferentes que apesar de pequenos já passamos por muitas coisas assim não devemos invadir o seu espaço, respeitando de forma carinhosa todo o contexto.	Professora 4: É ter simpatia. Tentar entender suas reações (medo, choro, raiva,...) para poder ajudá-la e fazê-la sentir-se segura no ambiente que está.
---	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

As professoras 01, 02 e 03 dizem que respeitar uma criança é saber que possuem tempos diferentes e que são diferentes uma das outras. Quando se está diante de alguma criança é necessário refletir acerca de cada atitude, deve-se compreender suas necessidades, seu tempo, perante suas peculiaridades. Há a necessidade de deixar que inventem, descubram e redescubram soluções para os problemas. As crianças precisam exercer sua autonomia. Precisa-se aprender a

pensar diante das situações e ações relacionadas às crianças, estabelecendo relações e não agindo por impulso.

A professora 04 diz que é entender a criança e ajudá-la. Conforme Saltini (1997), o educador precisa ser um pesquisador, inovador, questionador e que queira possibilitar novas descobertas e verdades à criança. Que tenha vontade de mudar e inovar. Deixar que explorem de sua forma, e não pensar apenas no conteúdo que precisam ofertar em determinada idade. Dar possibilidades à elas de descobrir e inventar, sem dar respostas prontas, dar atenção ao que estão fazendo, possibilitando assim, novas experiências.

De acordo com Hoffmann e Silva (1995, p. 14),

Respeitar uma criança é não limitar suas oportunidades de descoberta, é conhecê-la verdadeiramente para proporcionar-lhes experiências de vida ricas e desafiadoras, é procurar não fazer por ela, auxiliando-a a encontrar meios de fazer o que quer, é deixá-la ser criança. Respeitá-la é oferecer-lhe um ambiente livre de tensões, de pressões, de limites às suas manifestações, deixando-a expressar-se de maneira que lhe convém e buscando entender o significado de todas as suas ações.

Pode-se perceber que as quatro professoras trazem no questionário comentários relacionados em compreender e entender cada criança, fazendo-se sempre presente e ajudando quando necessário. Entender para “[...] *poder ajudá-la e fazê-la sentir-se segura no ambiente que está*” (PROFESSORA 4). É preciso estar sempre atento, compreender que cada uma possui sua maneira de agir, respeitar o tempo da criança, principalmente nas questões relacionadas com o cotidiano. Frequentemente percebe-se o professor pressionando as crianças, afinal, tudo nas instituições se dá em torno do relógio. Precisa-se dar mais tempo à elas, respeitá-las em seu ritmo.

É preciso conhecer estas crianças, passando mais segurança e conforto, saber dar a devida atenção e tratá-las de forma que contemple todas e não apenas uma e, por outro lado, garantir uma atenção pessoal. Conforme Saltini (1997), o educador sempre espera que a criança faça o que foi programado, como ele quer que seja e não respeita muitas vezes, as vontades e interesses dos pequenos, sendo assim, a liberdade que *deixam* para ela se torna uma ilusão, porque só fazem o que ‘mandam’, fazendo com que a criança apenas se adapte às escolhas deles.

A partir das observações, pode-se perceber que, em geral, as professoras respeitam as crianças. Foi presenciada uma situação em que uma delas não

respeitou a maneira e o tempo da criança ao realizar a atividade proposta. Foi o caso da professora 3, que casou inquietação, pelo fato de que é necessário respeitar o tempo de cada uma delas, visto que todas são diferentes. Na escola, o que envolve as atitudes dos profissionais é a rotina, pois tudo é em função dela, precisando ser feito com rapidez, seja nos momentos de refeições, de higiene ou mesmo nas propostas de atividades. A falta de diálogo, nestes períodos que são significativos para as crianças, também é algo que atrai atenção – ou deveria. As atividades de cuidados pessoais, em geral, são realizadas de maneira automática, sem a atenção da professora.

Respeitar esse tempo, deixar que descubram a si e a outras coisas a partir de seus interesses e de suas realidades é fundamental para a criança. E o professor precisa acreditar nelas, ouvindo o que têm a dizer, incentivando-as a conversarem e expressarem seus sentimentos e significados que atribuem aos acontecimentos.

Quadro 8 - O que é para você ser respeitado por uma criança?

<p>Professora 1: Ser respeitado por uma criança é ter o respeito dela, ou seja, quando a criança entende que precisa respeitar a pessoa que é autoridade sobre ela. Desta forma, sempre haverá um vínculo maior entre ambas.</p>	<p>Professora 2: Ser respeitado por uma criança é fazer com que ela saiba até onde ela pode ir com você, seja no sentido da brincadeira, do carinho ou então da desobediência. O respeito que a criança tem é muitas vezes, reflexo de como ela é tratada pela família e parentes próximos.</p>	<p>Professora 3: Ser respeitado por uma criança é saber que ela compreende que no ambiente escolar é você a autoridade, assim ela lhe “obedecendo” e fazendo o que é solicitado.</p>	<p>Professora 4: Essa é uma parte difícil às vezes, mas muito importante. Se você conseguir respeitar uma criança, seus medos e dificuldades, com certeza vai ter o respeito dela.</p>
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

As professoras 01 e 03 consideram que a criança tem o respeito quando percebe quem é a autoridade da sala; já a professora 02 diz que o respeito é o reflexo de como ela é tratada, mas também fala em *“fazer com que ela saiba até onde ela pode ir com você”*. A professora 04 diz que se o adulto conseguir e saber respeitar, aí terá o respeito da criança. As opiniões das professoras 02 e 04 merecem um detalhamento nesse contexto, elas dizem que são reflexos de como são tratadas e que, primeiramente, o adulto precisa respeitá-la, pois a criança aprende mais pelo que vive e sente. Quando os professores se julgam autoridades e que estão no comando de tudo, as crianças acabam sendo obrigadas a fazer somente o que o adulto lhe pede, muitas vezes por medo de punição e não por entendimento.

A professora 03 reforça a condição de autoritarismo quando afirma *“[...] assim ela lhe “obedecendo” e fazendo o que é solicitado”*. O respeito por ambas as partes é fundamental, para estabelecer uma boa relação e tornar o ambiente mais prazeroso e seguro, e não um lugar em que somente o professor manda e a criança obedece. Uma boa comunicação é fundamental para a convivência e para o respeito. É necessário estabelecer *“Uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; [...]”* (ORTIZ E CARVALHO, 2012, p. 38). É preciso conversar mais com elas, ver o que elas têm a dizer, e não apenas mandar e fazer com que lhe obedeça. Na observação realizada constatou-se que a professora 3 possui um modo de transmitir que ela é a autoridade no ambiente escolar e que as crianças precisam obedecê-la, nem que para isso precise utilizar os castigos, tais como sentar e não poder mais brincar. As outras professoras afirmaram que é preciso respeitar o tempo de cada criança e que, primeiramente, é necessário respeitá-las em todos os momentos do dia; a professora 3 na realização das atividades, já demonstrou certa impaciência e, por muitas vezes, era ela quem realizava ou terminava os trabalhos.

Muitas das instituições possuem regras que devem ser seguidas. Na escola, primeiramente esse regulamento deve ser seguido pelos funcionários e não somente ser aplicado por eles. Se uma criança vê o adulto ter determinada atitude, considerada errada, por que ela não pode fazer o mesmo? É preciso primeiro dar o exemplo para que ela possa respeitar também.

Conforme as observações realizadas e o questionário, tornou-se nítido o vínculo presente entre as crianças e a professora 1, um diálogo bem aberto, sendo

que elas a escutam quando é preciso e possuem momentos de brincadeira e liberdade, para se expressarem. Ela dá o tempo para interagirem e tem a capacidade de escutar o que elas têm dizer. A professora 4, demonstrou muito respeito para com as crianças e isso fez com que elas a respeitassem, como ela mesmo descreve no questionário, *“Se você conseguir respeitar uma criança, seus medos e dificuldades, com certeza vai ter o respeito dela”*. (PROFESSORA 4). Ela apresenta tranquilidade e um carinho com elas, mesmo em algumas situações de descumprimento de regras e afins.

5.3 Ações e Práticas de Cuidado e Respeito

Esta categoria foi estruturada a partir da pergunta *Quais os comportamentos das crianças que mais te irritam? O que faz diante dessas situações? Por quê?*

Abaixo, as respostas das professoras:

Quadro 9- Quais os comportamentos das crianças que mais te irritam? O que faz diante dessas situações? Por quê?

Professora 1:	Professora 2:	Professora 3:	Professora 4:
O desrespeito e o não cumprimento de regras é algo que me tira do sério. Ao meu ver, cada criança precisa entender que assim como ela quer ser “tratada” bem, a pessoa que é autoridade perante ela também tem essa necessidade, ou seja, é algo recíproco. Diante	O que mais me irrita no comportamento de uma criança é o fato do desrespeito, quando estamos repreendendo e elas então começam a rir, debochar. Ou então quando chamamos a atenção diversas vezes e não da resultado nenhum,	O que mais me irrita são as birras e os choros sem motivos, pois sabemos que são atitudes de manha e falta de limites. Inicialmente converso com a criança para tentar reverter a situação, se não afasto dos demais colegas para acalmar e/ou sentar para pensar, pois	Um momento bastante complicado para mim e que me deixa estressada é quando falamos a palavrinha “NÃO” para algumas crianças. A maioria delas parece que desconhece seu significado e fica bem difícil lidar com isso. Talvez os pais acham que dando tudo o que

<p>uma situação de desrespeito ou não cumprimento de regras, tento sempre primeiramente conversar com a criança, a fazer entender que isto não é legal. Se ainda não resolveu, a criança precisa sentar um pouco e pensar no que fez e entender que isto não é legal.</p>	<p> fingem que não estão escutando. Isso irrita pois tudo o que falamos é para que eles sejam pessoas melhores, sendo esse desrespeito reflexo do que acontece em casa com os pais. Diante destas situações, procuro fazer com que a criança me escute e pare de fazer o que me desagrada, com conversas mais firmes e principalmente olho no olho, pois preciso fazer com que a criança perceba que aquela situação não deve se repetir.</p>	<p>acredito ser aos poucos soluções encontradas para não perder a cabeça.</p>	<p>pedem em casa vão suprir a falta de atenção. Tento conversar com a criança olhando bem nos olhos e com voz firme. Porque acho importante a criança saber que tem alguém ali observando ela, cuidando e querendo ajuda-la a crescer.</p>
---	---	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que as respostas foram evasivas no sentido do que irritam as professoras, mas semelhantes no que fazem diante as situações. A professora 01 diz que a irrita o desrespeito e o não cumprimento de regras, diz que conversa com a criança e, se não resolve, coloca para sentar. O que pude perceber claramente

nas observações, pois ela primeiramente conversa com a criança para entender o que aconteceu, antes de tomar alguma atitude; muitas vezes o professor não consegue visualizar tudo o que acontece e o porquê. Caso a situação não seja resolvida, ela coloca “para pensar” e após esse momento de reflexão, conversa novamente com a criança, para que não aconteçam mais situações como essa. A professora 02 diz também do desrespeito e complementa quando chama a criança diversas vezes e “[...] fingem que não estão escutando”. (PROFESSORA 2). Diante disto, faz com que a criança a escute e conversa “[...] olho no olho” (PROFESSORA 2) e com voz firme. Nas observações, não ocorreram situações para que ela olhasse olho no olho e falasse com voz mais firme, assim, não terei como argumentar com sua resposta. Já a professora 03 diz que irritam as birras e os choros sem motivos e que, diante disto, conversa e se não resolve, a afasta dos demais colegas para acalmar e/ou senta a criança. Entende-se que,

Assim como os adultos, as crianças também podem ser mal humoradas em determinadas circunstâncias. O mau humor das crianças pode se expressar através das chamadas “crises de birra”, ou seja, crises de choro contínuo sem relação com sofrimentos físicos. (MACHADO, 2002, p. 47).

Pode-se perceber então, que nem sempre a criança está com vontade de realizar o que é mandado, e que assim como os adultos, elas possuem necessidades e vontades individuais para realizar determinadas coisas, e quando não estão satisfeitas ou então como diz Machado (2002) mal humoradas, se expressam através de choros e birras. A professora 04 diz que se irrita quando as crianças não entendem ou fingem não escutar a palavra não, quando não sabem seu significado. Segundo ela, “*Tento conversar com a criança olhando bem nos olhos e com voz firme*”. (PROFESSORA 4). Durante as observações, percebeu-se que a professora conversa com as crianças sobre as situações que acontecem e, quando julga necessário, elas são colocadas de castigo, ou seja, são sentadas para que possam pensar em suas atitudes e após conversam com a professora.

As quatro professoras dizem que diante as situações que as irritam, elas conversam e, se necessário, colocam “para sentar”. Me chamou bastante atenção quando a professora 02 e 04 afirmam que conversam olho a olho e ainda “[...] olhando bem nos olhos e com voz firme”.

Ortiz e Carvalho (2012) consideram a afetividade fundamental na relação adulto e criança. Muitas vezes pode-se perceber certo distanciamento entre ambos, falta de atenção e, inclusive, impaciência no trabalho e no trato das crianças. É preciso ter muito cuidado com elas, nas ações, ambientes, expressões, gestos, tudo o que tenha envolvimento com elas e para elas. É fundamental “Uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; [...]” (ORTIZ e CARVALHO, 2012, p. 38). Portanto, estabelecer uma afinidade com a criança a fim de conhecê-la melhor e poder contribuir em seu desenvolvimento é muito importante. Saber estar por perto quando preciso e interferir quando necessário, sendo que o companheirismo é fundamental para elas, por passarem tanto tempo com pessoas que, inicialmente, são desconhecidas. Saber ser amigo, acolhedor, motivador e acessível e ao mesmo tempo atento ao desenvolvimento e a aprendizagem de cada uma.

De acordo com a professora 03, quando uma criança a irrita com choros e birras sem motivos, ela conversa “[...] com a criança para tentar reverter a situação, se não afasto dos demais colegas para acalmar e/ou sentar para pensar [...]”. (PROFESSORA 3). Porém, durante as observações, foi perceptível que, na maioria das vezes, não acontecia a conversa com a criança e, muito menos, o afastamento das demais, apenas pedia para sentar-se e não brincar mais, como uma forma de castigo. O educador deve estar sempre em um processo de reflexão sobre suas ações e práticas. Conforme Sisto e Martinelli (2008) as relações de companheirismo entre criança e professor são muito importantes para o convívio, visto que passam muito tempo juntos e precisam de alguém como referência para acolher, motivar, ser amigo e conversar.

De acordo com Machado (2002, p. 67), “Aplicar castigos não é a única forma de lidar com essa questão, nem a mais apropriada. Os castigos, em excesso, podem provocar o contrário do que os adultos desejam”. Foi possível perceber que o castigo nem sempre é a melhor opção para com as crianças, visto que, se torna rotineiro e sem sentido para elas. Diz também que, respeitar as crianças e argumentar com elas é a melhor maneira de impor limites. Isso exige paciência por parte do professor, pois pode acontecer da criança não entender isso na primeira conversa; às vezes é preciso repetir várias vezes para que ela compreenda e entenda bem o que está sendo dito. Sendo que, o “modo de falar deve comunicar à criança que o que estão dizendo é importante e que acreditam seriamente nisso”.

(MACHADO, 2002, p. 69). É fundamental cuidar ao falar para que a criança possa acreditar e que faça sentido para ela.

Uma educação construída na base de diálogos, mostrando para as crianças seus erros, torna-se mais significativa e possui mais sentido para elas do que apenas impor castigos.

Pode-se perceber que,

É no ambiente escolar que as crianças aprendem pela primeira vez como é viver em sociedade, como é lidar com a tolerância, com a aceitação de regras coletivas sem a presença dos pais para resolverem suas vontades, seus conflitos. (ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ANJO DA GUARDA, 2016, p. 25).

A construção de limites – por parte das crianças- está se tornando um desafio ainda maior para pais e professores,

[...] sabemos que educar é um desafio constante, mas, por meio de tais sinais, é possível estabelecer o respeito, as regras e a boa convivência, ajudando a criança a aprender a se controlar e a impor seu ponto de vista com calma, através do diálogo e combinações, apontando as consequências e como ela pode expressar sua vontade sem agredir ou magoar o outro, se ela tiver construído as noções comportamentais que cabem a família ajudá-la a construir, conforme já mencionado. (ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ANJO DA GUARDA, 2016, p. 26).

Muitas das situações exigem exclusivamente conversas e entendimentos do que aconteceu e o porquê.

De acordo com Capelatto e Martins Filho (2012, p. 139), “Educar é ajudar no crescimento, no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e participar disso”. Não ter medo de dizer sim ou não para as crianças; elas precisam entender e ter limites, porém é necessário ter o devido cuidado para não limitar assim a capacidade e exploração dela, suas descobertas. Qualquer diálogo com a criança exige uma justificativa, é necessário argumento a afirmação ou a negação. Não pode-se simplesmente autorizá-las ou não a fazer. E, “Que haja o desejo de cuidar”. (CAPELATTO, MARTINS FILHO, 2012, p. 151). De querer ajudar no crescimento e amadurecimento à medida que vão crescendo e se desenvolvendo.

5.4 Apego

Esta categoria foi estruturada a partir da pergunta *O que você acha sobre dar colo e fazer carinho nas crianças?* e *Como você foi tratado quando criança? Quais suas lembranças/memórias?*.

As professoras responderam que:

Quadro 10 - O que você acha sobre dar colo e fazer carinho nas crianças?

<p>Professora 1:</p> <p>A meu ver dar colo e carinho sempre é fundamental, pois sabemos que cada criança tem uma carência. Então, ao transmitir afeto à criança, ela passa a se sentir mais segura no ambiente em que está.</p>	<p>Professora 2:</p> <p>O colo e o carinho é essencial na educação e na formação do ser humano. Sempre que possível demonstrar afeto para as crianças, fazendo com elas se sintam amadas no ambiente em que estão inseridas, além de criar e fortalecer laços.</p>	<p>Professora 3:</p> <p>Acho fundamental, pois a maioria das crianças passa de 10 a 12 horas na EMEI, sendo assim, ficam mais tempo conosco do que com os pais e necessitam de carinho e atenção para se sentirem seguras no ambiente escolar.</p>	<p>Professora 4:</p> <p>Eu acho muito importante, isso é uma forma de ganhar o respeito delas e fazê-las se sentirem seguras.</p>
---	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O apego é um “sentimento que une uma pessoa às pessoas ou coisas de que gosta; ligação forte;”. (APEGO ..., 2018). Compreende-se que, ele está relacionado às ligações entre as pessoas, ao carinho, afeto e simpatia. É relativo com as ações e reações de cada um. Desta forma, entende-se que nas escolas, por exemplo, “As definições do termo podem variar, mas em essência elas envolvem proximidade e reatividade positiva a uma criança”. (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 94). O que nos leva a pensar no tempo que dedicamos para estar com as crianças e se aproximar delas, para assim, transmitir mais conforto e segurança.

De acordo com Gonzalez-Mena e Eyer (2014), o apego das crianças aos educadores é diferente do apego dos pais, pelo fato da relação familiar e também por estarem à *vida toda* com a criança e já os educadores passarem certo período. Portanto, “O apego é o meio que a natureza usa para assegurar que alguém se importa com o bebê (emocionalmente) e cuidará dele (fisicamente)”. (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 99). Percebe-se que, assim como a confiança, o apego ocorre aos poucos conforme os sujeitos – neste caso, as crianças e os professores – vão se conhecendo e se adaptando ao ambiente.

Percebe-se que todas as professoras acham necessário e fundamental o apego com as crianças, em dar colo e fazer carinho, transmitindo mais segurança, criando laços e atenção. Segundo a professora 01, “[...] *ao transmitir afeto à criança, ela passa a se sentir mais segura no ambiente em que está*”. Rapoport (2005) fala sobre a adaptação dos bebês à creche, na qual as crianças demonstraram muito interesse nas relações afetivas para se sentirem seguras no ambiente. É preciso saber acalmá-las, sendo que muitas vezes solicitam e precisam do contato, do colo, da proximidade do adulto presente, sendo que, estas aproximações passam conforto e as deixam mais confiantes no novo ambiente. Durante as observações, pode-se perceber que as professoras dão carinho e colo para as crianças quando preciso, transmitindo segurança no ambiente em que estão. Como diz a professora 3, “[...] *a maioria das crianças passa de 10 a 12 horas na EMEI, sendo assim, ficam mais tempo conosco do que com os pais e necessitam de carinho e atenção para se sentirem seguras no ambiente escolar*”. Pode-se notar que, em algumas situações, houve discordância nas atitudes com o que foi afirmado no questionário. O colo era negado por impaciência da professora e, até mesmo, por achar que vai mimar demais a criança e depois ela vai querer permanecer o tempo todo no carinho e aconchego do colo. Porém, muitas vezes, as crianças choram como forma de pedir ajuda ou atrair a atenção, pelo fato de não estar recebendo o devido cuidado dos professores ou dos pais, principalmente nessa situação de transição entre a casa e a escola.

É preciso que o professor então esteja presente e acolha a criança, criando situações significativas onde ela descubra e invente soluções e respostas, estimulando a busca de conhecimento, com atividades de aprovação e segurança. O

professor precisa se constituir juntamente com elas, errando e acertando, se auto corrigindo, revendo, experimentando coisas novas e assumindo suas funções.

Ao criar-se um vínculo afetivo com a criança, abre-se uma oportunidade de mostrar o mundo a sua volta, fazer com que a escola se torne um ambiente acolhedor.

Quadro 11 - Como você foi tratado quando criança? Quais suas lembranças/memórias?

<p>Professora 1:</p> <p>Tenho poucas recordações sobre minha infância, porém sempre fui mais ligada a minha vó. Minha mãe sempre foi muito rígida em tudo, qualquer coisa era motivo de brigas e xingamentos. Lembranças boas eram os momentos em que realizávamos brincadeiras com primos, mas isso lá de vez em quando, o restante do tempo passava com meus avós onde nos ensinavam coisa simples, como</p>	<p>Professora 2:</p> <p>Eu não tenho muitas lembranças da minha infância, mas o pouco que tenho é que não fui uma criança que recebeu muitas demonstrações de carinho e afeto, sendo que isso dificulta muito minhas relações pessoais, tanto com adultos ou crianças. Tenho dificuldade em demonstrar carinho, principalmente com meus familiares.</p>	<p>Professora 3:</p> <p>Minha infância foi maravilhosa, cresci no interior então pude ter muito contato com a natureza, apenas comecei a frequentar a escola com 4 anos na Pré-escola. Tive uma infância repleta de aventuras, brincar livremente no arroio próximo de casa e na casa mágica da árvore feita pelo meu pai.</p>	<p>Professora 4:</p> <p>Minha criação foi bem rígida. Ganhávamos colo, mas sem muita bajulação. Desde pequena, ajudava nas tarefas de casa (sem mesada ou qualquer tipo de negociação). Nossas brincadeiras eram: subir em árvores, brincar com carinhos de lomba, fazer arapucas para pegar as galinhas da vó, etc. Quando alguém se machucava todo mundo apanhava, ate o que havia se machucado (dependendo da</p>
--	---	--	--

assobiar, jogar carta, entre outros.			gravidade). Sinto falta de tudo, até das chineladas.
--------------------------------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A professora 01 era ligada muito a avó e sua mãe era muito rígida, qualquer coisa já gerava briga e xingamentos, mas diz não ter muitas recordações. A professora 02 também não possui muitas lembranças e alega que não recebeu muitas demonstrações de carinho, um empecilho atual que a faz ter dificuldade em transmitir seus sentimentos. Já a professora 03, diz ter uma infância maravilhosa, com muito contato com a natureza por ter nascido no interior. E a professora 04, diz ter tido uma criação muito rígida e que ajudava nas tarefas de casa; lembra que quando se machucavam nas brincadeiras, todos apanhavam.

A professora 2 diz que não foi “[...] *uma criança que recebeu muitas demonstrações de carinho e afeto, sendo que isso dificulta muito minhas relações pessoais, tanto com adultos ou crianças. Tenho dificuldade em demonstrar carinho [..]*”. Durante as observações, pude perceber que apesar de ter esta dificuldade, a professora consegue estabelecer uma relação e um vínculo com as crianças, transmitindo assim segurança para elas. Ser capaz de refletir sobre seu modo de ser e agir com as crianças e gostar do que faz é muito importante, assim acaba-se adquirindo amor a cada dia. Conforme as observações constatou-se que isso trata-se de um desafio para a professora, a ir além da forma em que foi criada.

A interação do professor com a criança nas atividades cotidianas favorece a formação de vínculos, seja através nos momentos de higiene, de sono, de alimentação, momentos em que elas têm muito a aprender e cabe ao profissional aproveitá-los para fortalecer a interação.

Segundo Carvalho, Klisys e Augusto (2006, p. 61),

O professor que sabe integrar afeto, inteligência e imaginação, no convívio com os pequenos, estabelece vínculos afetivos e dá-lhes a certeza de que neste mundo se pode confiar nos adultos. Uma vivência educacional marcada por relações de cuidado enriquece o desenvolvimento de uma criança e a ajuda a construir de forma saudável sua história pessoal.

Portanto, a formação de vínculos afetivos contribui para que a criança se sinta bem e segura numa relação agradável com o adulto. O convívio com as crianças

exigem reconhecimento de seus anseios, por isso o vínculo de conhecimento a si mesmo e ao outro é de suma importância. O professor precisa estar atento as suas ações para transmitir confiança e respeitar as crianças; é preciso compreendê-las na totalidade, que precisam de cuidados, de um ambiente tranquilo e de uma boa relação.

Na educação infantil a relação de cuidado deve perpassar as atividades que exigem reflexão na aplicação das mesmas, para o desenvolvimento das crianças. A troca de fraldas, por exemplo, é uma ação que deve ser feita com qualidade para garantir o bem estar e estimular a criança, através de gestos e palavras. Os vínculos devem ser sempre priorizados.

É preciso ter vontade, “[...] se surpreender e de se ver como um professor que aposta nas crianças”. (CARVALHO; KLISYS; AUGUSTO,2006, p. 37). Acreditar no potencial de cada uma, ter uma relação afetividade e que contribua para a construção das descobertas e do expressar-se, pois, “Criança sente, pensa e se expressa” (CARVALHO; KLISYS; AUGUSTO,2006, p. 35).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência realizada tornou-se significativa e de grande valia, pois me proporcionou – como pesquisadora – momentos intensos de reflexões, leituras e pesquisas. Todas as situações tiveram o seu valor para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Quando comecei a trabalhar na escola de educação infantil, pude perceber vários aspectos que norteavam minha cabeça, entre eles, a maneira como tratavam e cuidavam das crianças pequenas. Muito do que é estudado na Universidade não representa a realidade encontrada na escola, o modo de se expressar, agir, cuidar, etc. Ao iniciar meu estudo, havia inúmeras dúvidas referentes ao tratamento dos adultos, principalmente os professores, com as crianças, o agir na prática. Muitas vezes, por questões de rotina e, inclusive, do horário estipulado pela cozinha, tudo era realizado com muita rapidez. Momentos interessantes e essenciais eram vistos e tratados com insignificância, como por exemplo, uma conversa com a criança sobre o que está sendo feito.

Com o objetivo de extinguir as minhas dúvidas, optei por realizar questionários com professores que estavam trabalhando com crianças de zero a três anos de idade e, também, fazer algumas observações no cotidiano da escola, para poder verificar se o que me diziam condizia com a prática. Ao analisar os questionários e as observações, pude verificar que muitas das respostas anunciadas pelas professoras não eram realizadas no decorrer do dia. A partir disso, dividi os questionários em categorias para proporcionar uma melhor reflexão.

A primeira categoria, intitulada como o *Perfil e motivações dos sujeitos* mostrou aspectos referentes às professoras pesquisadas, o motivo por escolherem trabalhar com crianças e onde aprenderam sobre o cuidado. Ao analisar todas as respostas para esta categoria, concluí que as professoras relatam que trabalham por gostar e que se dedicam, porém, na vivência com as crianças mostram certo distanciamento em algumas ações. Para elas, a aprendizagem sobre os cuidados com as crianças se deu pela experiência que adquiriram ao longo da vida.

A segunda categoria, intitulada como *Respeito*, mostrou aspectos referentes ao o que é respeitar e ser respeitado por uma criança, para cada professora. Ao analisar todas as respostas para esta categoria, pude concluir que, muitas vezes, as

professoras querem apenas ser respeitadas, mas não respeitam as crianças, seja através de suas ações e atitudes. Quando se fala em respeito, deve haver reciprocidade. As crianças ao se sentirem respeitadas, elas saberão como agir.

Esta categoria revelou que “Se você conseguir respeitar uma criança, seus medos e dificuldades, com certeza vai ter o respeito dela”. (PROFESSORA 4). Sendo assim, é preciso saber respeitar e compreender a criança como um todo, seu tempo e ritmo individualmente.

A terceira categoria, intitulada como *Ações e práticas de cuidado e respeito* mostrou aspectos referente ao comportamento das crianças, o que irrita as professoras e o que fazem em situações que ocorrem no decorrer do dia. Ao analisar as respostas para esta categoria, pude concluir que, muitos dos comportamentos que irritam as professoras são os desrespeitos, choros, birras e quando as crianças não escutam e, infelizmente, percebi o tradicional castigo muito presente.

Na educação infantil, muitas vezes, o diálogo é negado e situações de castigo se tornam comuns e sem sentido para as crianças. Em certas situações, o adulto não vê o que realmente aconteceu e o porquê de determinada atitude. Por ser mais cômodo, ele coloca ou até mesmo ‘joga’ a criança para sentar como uma forma de castigo, o que torna-se rotineiro.

A última categoria intitulada como *Apego* mostrou aspectos referentes ao colo e carinho com as crianças e também a forma que as professoras foram tratadas e suas lembranças da infância. Ao analisar as respostas para esta categoria, pude concluir como é significativo dar carinho e colo para as crianças, o quão seguras e confiantes elas se sentem. É importante, “Sempre que possível demonstrar afeto para as crianças, fazendo com elas se sintam amadas no ambiente em que estão inseridas, além de criar e fortalecer laços”. (PROFESSORA 2).

Esta categoria revelou que as relações entre as crianças e os adultos são muito importantes, principalmente pelo fato de que ficam praticamente o dia todo na creche, longe da família e, também, pelo fato de que precisam conhecer o mundo ao redor. Revelou também que apesar de algumas professoras não possuírem muitas lembranças da infância e que algumas foram tratadas com poucas, ou até mesmo nenhuma, demonstração de carinho, elas conseguem estabelecer vínculos afetivos com as crianças no decorrer do dia.

Com as categorias denominadas *Perfil e motivações dos sujeitos, Respeito, Ações e práticas de cuidado e respeito e Apego*, e com as observações realizadas, conclui-se que este trabalho contribui para que sejam modificadas as formas de pensar e agir dos professores com as crianças.

As atitudes e ações devem ser revistas de forma que contemple a criança como um todo. É preciso saber que não podemos modelar as crianças tentando padronizá-las, e sim, considerá-las como protagonistas, criativas e potentes, valorizando os saberes e vontades de cada uma; as crianças merecem serem respeitadas.

Ao decorrer do trabalho, foi perceptível que – apesar da mudança da creche de assistencialista para um local de cuidar e educar de forma indissociável – muitos ainda associam o cuidado relacionado apenas a momentos como alimentação, higiene e sono. É necessário evoluir esse pensamento, porque cuidar e educar estão sempre se complementando, sendo nos momentos de comunicação entre troca de fraldas ou no modo em que se limpa o nariz de cada criança ou ao brincar. Isso valoriza o potencial de cada sujeito. Frequentemente estes momentos significativos para as crianças são negados pelos adultos, principalmente por causa dos horários estipulados pela escola. O diálogo é fundamental e também se trata de um modo de aprendizagem para as crianças, então, é preciso cuidar da forma de se expressar com elas.

Muitas vezes,

Ao desconfiar das crianças, os adultos julgam suas ações no lugar de buscar compreendê-las e assumem uma postura autoritária, desconsiderando que a participação da criança é fundamental no estabelecimento de práticas educativas que promovam a educação em seu sentido pleno. (MONÇÃO, [2018?], p.03).

O adulto precisa confiar nas crianças e dar oportunidades para que se expressem livremente, deixa-las se sentirem bem e não pressionadas a fazer o que é mandado. O castigo, certas vezes, é usado conforme a vontade da professora e não pensado na atitude da criança.

Sendo assim, ao concluir este trabalho, percebo como o cuidado, principalmente na educação infantil, é um tema que causa inquietação nas pessoas e, inclusive, para mim – autora desse trabalho. Deve-se ter um cuidado especial em relação das ações dos adultos.

Há várias situações e tratamentos em que não concordo, porém, por não ser a professora de determinada turma, 'não tenho autoridade' para falar, o que me deixa inquieta com muitas atitudes. Acredito que, todos devem pensar em suas formas de agir; pensar se fosse consigo mesmo, ou até mesmo com seu filho, como agiriam.

Essa pesquisa intensificou ainda mais o pensamento de que sempre é importante refletir sobre as próprias atitudes, se estão certas ou não, e corrigir quando necessário. Essa reflexão torna-se suprema quando se faz a escolha de trabalhar com crianças pequenas, onde é preciso se doar ao máximo para elas e não deixar que outras situações atrapalhem e provoquem um distanciamento deste olhar. Enfim, as ações dos adultos com as crianças devem ser pensadas para que elas recebam o devido tratamento.

REFERÊNCIAS

- APEGO. In: **INFOPÉDIA da língua portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2018. Disponível em: < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/apego>>. Acesso em: 13 jun. 2017.
- BANDEIRA, Pedro. **Mais respeito, eu sou criança**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 set. 2017.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 20 set. 2017.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 set. 2017.
- CAMPOS, Maria Malta; CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Consulta sobre qualidade da Educação Infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito**.
- CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Crêches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília: MEC: SEB, 2009.
- CAPELATTO, Ivan; MARTINS FILHO, José. **Cuidado, afeto e limites: uma combinação possível**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus 7 Mares, 2012.

CARVALHO, Sílvia Pereira de; KLISYS, Adriana; AUGUSTO, Adriana. **Bem-vindo, mundo!** : criança, cultura e formação de educadores. Instituto Avisa Lá. São Paulo: Peirópolis, 2006.

COELHO, Maximila Tavares; FRAGA, Vanderlei Bruschi de. **A função da creche e da escola infantil na formação da criança de zero a três anos:** desenvolvimento, políticas de atenção e profissionalização. Porto Alegre: Evangraf/Verbo Projetos Educacionais, 2006.

CUIDAR. In: **INFOPÉDIA da língua portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cuidar>>. Acesso em: 15 set. 2017.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** a experiência de Reggio Emilia em transformação. Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2016.

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ANJO DA GUARDA. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Harmonia, 2016. Documento interno da escola.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos:** a experiência de Lóczy. - 2. ed. – Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezato. **Pedagogia (s) da Infância:** dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini:** a abordagem italiana à educação infantil. - Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos:** o atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

GOLZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche:** um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas. 9. ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014.

GONÇALVES, Renata. **A história das creches**. Monografias Brasil escola. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-historia-das-creches.htm>>. Acesso em 20 set. 2017.

HOFFMANN, Jussara; SILVA, Maria Beatriz G. da. **Ação Educativa na creche**. Porto Alegre: Mediação, 1995.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHTELMILLER, Margo L.; **O Poder da Observação:** do nascimento aos 8 anos. 2. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2009.

KORCZAK, Janusz. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo, Perspectiva, 1984.

MACHADO, Patrícia Brum. **Comportamento Infantil**: estabelecendo limites. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MARTINS FILHO, Altino José. **Criança pede respeito**: ação educativa na creche e na pré-escola. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. **A relação entre adultos e crianças na educação infantil**. Eixo Temático: Pesquisa e Práticas Educacionais. [2018?]. Disponível em: < http://www.unifal-mg.edu.br/pibid/files/A%20relac%CC%A7a%CC%83o%20entre%20adulto%20e%20crianca%20na%20educac%CC%A7a%CC%83o%20infantil_0.pdf> . Acesso em: 15 maio. 2018.

OLIVEIRA, Ana Maria de. **Entre a higiene e os afetos: “xixi e cocô educativos”**. 2015. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015. Documento em PDF.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações**: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação. São Paulo: Blucher, 2012.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância da atenção de pais e educadores. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins Redin; MULLER, Fernanda. **Infâncias**: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

RESPEITAR. In: **INFOPÉDIA da língua portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/respeitar>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SAIBA como funciona o sistema de educação infantil no País. **Governo do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/04/creche>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. Vol. 1: A emoção na educação. Editora DP&A, 1997.

SILVA, Marciano Lopes e. **Era uma vez ...** Revista online de Literatura Infante Juvenil. Disponível em: <<http://eraumavezuem.blogspot.com.br/2011/09/mais-respeito-eu-sou-crianca-pedro.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem**: uma abordagem psicopedagógica. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2008.

TEIXEIRA, Adriana Aparecida. **A exigência de formação aos profissionais da educação infantil**. 2009. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em

Pedagogia)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (UNISINOS).
Documento em PDF.

ANEXO A – TERMO DE CONFIDELIDADE

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.

Eu, _____,
aluno(a) do **Curso de** _____
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número
_____, **declaro que a Empresa/Instituição**
_____ **objeto de estudo**
do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
_____ entregue no
semestre _____, **permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que**
nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Empresa/Instituição estudada.

() A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

() **A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Empresa/Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.**

Cidade, _____ de _____ de _____.

Assinatura do aluno

Ciência da empresa

Nome do responsável da Empresa/Instituição

Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ

APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

1. Por que você escolheu trabalhar com crianças pequenas?
2. O que e onde você aprendeu sobre o cuidado com crianças?
3. O que é para você respeitar uma criança?
4. O que é para você ser respeitado por uma criança?
5. Quais os comportamentos das crianças que mais te irritam? O que faz diante dessas situações? Por quê?
6. O que você acha sobre dar colo e fazer carinho nas crianças?
7. Como você foi tratado quando criança? Quais suas lembranças/memórias?